

# IV BIENAL DE PARIS: JUVENTUDE E CONFUSÃO

REPORTAGEM DE NELSON DI MAGGIO  
(NOSSO ENVIADO ESPECIAL A PARIS)

Nos últimos anos, têm-se multiplicado as manifestações artísticas internacionais, sob o nome de bienais ou festivais. Numa época em que os meios de comunicação facilitam espantosamente o intercâmbio e a informação os produtos da cultura converteram-se num atractivo turístico e num elemento fornecedor de divisas. As bienais são os substitutos dos salões nacionais, a uma escala universal. A Bienal de Veneza foi o primeiro certame, que, inaugurado no fim do século transacto, ainda hoje possui um prestígio incontestável. A partir da década dos anos «50» as bienais ou trienais ou quadrienais surgem como cogumelos: São Paulo, Kassel, Antuérpia, Alexandria, São Marinho e Paris. Todas apareceram com a finalidade de descentralizar o monopólio artístico italiano. Mas também co-existiram obscuros interesses, mesquinhos até, que têm posto em causa a verdadeira finalidade: um confronto internacional dos artistas. No entanto, público e críticos continuam a lucrar com estas manifestações. Mesmo que as escolas sejam deficientes, que os prémios habitualmente outorgados obedeam a razões extra-artísticas, possibilita-se um estudo apurado da situação da arte contemporânea em

próxima do caos. Nos três andares do Museu de Arte Moderna, estão presentes artistas de 54 países. Não somente jovens pintores, gravadores e escultores. Também participam os jovens arquitectos, músicos, cineastas, bailarinos, actores do teatro e críticos. Quase um festival de gente moça. Infelizmente, o que deveria ser um desabrochar de irradiante juventude, converte-se num espectáculo acumulativo e desordeiro, fatigante e confuso. Pode ser que alguns acreditem que tais são os sintomas dos mais novos. Mas penso que uma organização deste vasto material, orientado segundo um determinado critério e um maior rigor selectivo, daria resultados insuspeitos. Tal qual está apresentado resulta difficilimo tirar conclusões precisas. As correntes surgidas do expressionismo e do surrealismo são as predominantes. Crismadas com o nome de nova-figuração, «pop-art» ou novo realismo, aparecem espalhadas por todo o mundo, com maior ou menor sentido da invenção formal. Por outro lado, observa-se um ressurgir das correntes geométricas, através do «pop-art» e o cinetismo. Os mais responsáveis ultrapassam os designios classificadores e concebem obras absolutamente fora de série.



ROLAND GOESCHL — FIGURA ABERTA, ESCULTURA  
PRÊMIO PELA ÁUSTRIA.

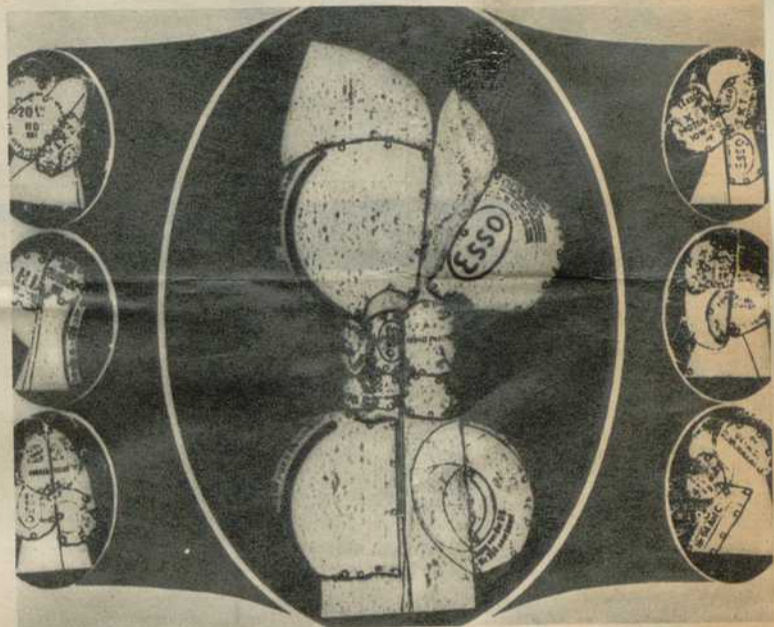
todo o mundo, seja do presente ou do passado imediato.

Os artistas mais novos difficilmente obtiveram consagrações de primeira ordem. Somente na última bienal de Veneza os grandes prémios foram atribuídos, justificadamente, a talentos jovens. Foi uma reacção salutar. A Bienal de Paris quis, de maneira propositada, dar a oportunidade aos artistas de todos os países, de 20 a 35 anos, a ocasião de apresentar e confrontar os seus trabalhos, incluindo todas as tendências. Tarefa árdua e cheia de riscos. Amíde, a única unidade que se podia obter era derivada do registo civil. Juventude é um termo ao mesmo tempo relativo e absoluto. E em arte o único que conta é a frescura permanente das obras, o seu poder mágico de metamorfose no decorrer dos anos, o manter a sua vigência.

A IV Bienal de Paris está muito

## A DOCE FRANÇA

A sala francesa é a mais numerosa e ocupa a totalidade do primeiro andar. Está muito longe de ser a melhor. Os artistas representados não são predominantemente franceses, mas sim estrangeiros que residem em Paris. Quatro críticos jovens escolheram oito pintores com obras gigantescas (8 e 7 metros) e a fraca inspiração. Eles são: Juan Breyten, Pierre Buraglio, Cheval-Bertrand, Claude Darotchetche, Djoka Ivackovic, Robert Lacoste, François Ronan e Pierre Skira-Passons. Um júri de doze artistas (de menos de 35 anos) seleccionou mais de uma centena de pintores, gravadores e escultores, a maior parte com uma ou duas obras, sendo quase impossivel avaliar correctamente a importância de cada um. O japonês Tetsumi Kudo, o argentino Hugo Demarco, o alemão



AXEL KNOPP — «ESSO-HEF 10/63», GRAVURA. PRÊMIO PELA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA.

Myriam Bat-Yosef, os franceses Claude Gilli, Jean Lemerre, Hubert Mollien, Fernand Tessier, e Régine Petit, são nomes a registar. O Conselho de Administração da Bienal, pela sua parte, indigitou perto de 60 artistas e quatro vale a pena reter: Geneviève Cluisse, Glenn Robles, Claude Vedel e Gorges Dyens. Os artistas que fizeram parte do júri de selecção da Bienal anterior foram convidados a participar: Artur Piza, Michel Berocal e Gérard Singer são os mais valiosos. Dos grupos aceites, os «Letristas» dão a nota humorística. Uma homenagem a Bernard Pomey (1928-1959), informalista mediocre, parece absolutamente fora de lugar.

Os trabalhos de equipa não foram bem sucedidos. O «Abtigo anti-atómico» de Tisserand, Biras, Dietmann e Parre, é uma curiosidade sem graça nenhuma. Mais feliz na sua grauidade parece o «Jardim de Inverno», dos iconoclastas Nikos, Deschamps, Dufrene, Jacquet, Panougias, Sanejouand e Smerck. Allen Jones (Grã-Bretanha), Ana Letycia (Brasil), Jennifer Dickson (África do Sul) e Michel Charpentier (França), expõem individualmente e podem-se apreciar melhor as suas características. Quatro artistas sólidos e pessoais, embora as esculturas de Charpentier endireitem pelo academismo e a impotência criadora.

## ORIENTE DESCONHECIDO

Os países orientais trazem qualquer coisa de novo. O Paquistão tem um pintor de grande fôlego imaginativo, de raiz gestual, em J. Iqbal Geofrey. A Índia possui um talento vulgar nas composições requintadas de Gautam Vaghela.

As salas da Nova Zelândia e de Israel são discretas. O Japão não está à altura dos seus antecedentes.

## OS PAÍSES DE AMÉRICA LATINA

Falta a representação da Argentina, com artistas de nomeada internacional. Para compensar o Brasil apresenta um pintor original, vibrante e exultante, com 20 anos: António Dias; um escultor que em

prega som e luzes nas suas esculturas: Maurício Salgueiro; e um gravador expressionista: Roberto Magalhães.

Chile, Cuba, Guatemala, México, Panamá, Paraguai, Perú, nada de interesse oferecem. A Venezuela enviou três artistas; só um deles merece uma certa atenção: Alirio Rodríguez. Também o Uruguai fez um triplo envio e também um só pintor a registar: Nelson Ramos. A República Dominicana mandou um pintor atendível: Eligio Pichardo.

## O CONTINENTE AFRICANO

Estão representados artistas da Tunísia, Madagascar, Marrocos e Congo (Leopoldville) mas a sua presença pode atribuir-se a uma razão que a razão não conhece.

## OS PAÍSES EUROPEUS

Descartadas a Itália, a Polónia e a Espanha, as três grandes desilusões da Bienal, ficam alguns países que são os triunfadores do certame. Em primeiro lugar situa-se a Alemanha com os representantes do Grupo Zero de Düsseldorf.

A Checoslováquia é a outra grande representação. Dlouhy, Fila, Valenta, Nepras, Vesely, e Kucerova exploram os caminhos do surrealismo e da «pop-art» com singular energia e oferecem um panorama dinâmico e variado de actividade artística no seu país.

A Grã-Bretanha — juntamente com Alemanha e a Checoslováquia foi a que recebeu numerosos prémios — distingue-se notoriamente. Artistas jovens e entusiastas, autenticamente criadores, com coragem.

A Grécia revela um talentoso escultor: Theodoros. A Áustria o pintor-escultor de rara estirpe: Roland Goeschl. A Finlândia uma personalidade prometedora: Kimmo Kaivanto. Os Países-Baixos reatam a tradição geométrica de Mondriaan nas obras de Ad Dekkers e Johannes Scholze. E finalmente Portugal com quatro artistas, consegue uma menção honrosa nas esculturas da artista portuguesa Maria Irene Vilar.